

Imigrantes Judeus no Brasil, marcos políticos de identidade.

Jewish immigrants in Brazil: political markers for identity

Sydenham Lourenço Neto*

Artigo recebido em setembro de 2008 e aprovado em outubro de 2008

Resumo:

Este trabalho propõe que o principal marco de identidade no interior da comunidade formada por judeus no Rio de Janeiro tem relação direta com escolhas políticas, que dividiram o grupo entre judeus progressistas e conservadores. Essa escolha determina toda a rede de sociabilidade dos indivíduos e tem profundas repercussões entre os judeus brasileiros até hoje; no entanto, nosso foco é a origem desse marco de identidade nos anos 30 e 40.

Palavras chaves:

identidade; imigrantes; judeus

Abstract:

This article considers that the main identity marker within the Jewish community in Rio de Janeiro is directly related to political choices, which split the group between progressive Jews and conservatives. While this choice determines the entire sociability network of individual Jews, and has deep implications for Brazilian Jews today, our focus is the origin of this identity marker in the 1930s and 1940s.

Keywords:

identity; immigrants; Jews.

* Graduado em História pela UFF, mestre e doutor em Ciência Política pelo IUPERJ, professor adjunto da UERJ e da PUC-RIO, membro do corpo docente do Mestrado em História Social do Território da UERJ. Este artigo é fruto de uma pesquisa que conta com o apoio da UERJ e da Faperj

Tradicionalmente os estudos sobre imigrantes no Brasil trabalham com uma delimitação relativa às comunidades nacionais originárias. Proliferam estudos sobre imigrantes italianos, alemães, japoneses. Quando o estudo pretende realizar um recorte, em geral esta leva em consideração a região receptora, por exemplo, italianos em São Paulo, alemães em Santa Catarina, espanhóis no Rio de Janeiro, etc...

Esta abordagem pressupõe uma identidade nacional entre os imigrantes de uma mesma nação, fato que ocorre mesmo para alemães que chegaram aqui antes de unificação da Alemanha. Entre os imigrantes, muitas vezes a identidade étnica é fortemente marcada pela origem regional, como no caso dos galegos, de Portugal e da Espanha, os japoneses da região de Okinawa, italianos napolitanos, ou os pomeranos, grupo que na origem se subdividia entre os territórios que formaram a Alemanha e a Polônia¹.

Tal recorte é particularmente problemático no caso dos imigrantes judeus. Obviamente, antes de 1948, com a criação do Estado de Israel, e mesmo após, ser judeu não é delimitado por uma origem nacional. Sendo pouco produtivo trabalhar com categorias hifenizadas, como judeus alemães, judeus poloneses, judeus russos etc...

Estudar a comunidade judaica exige penetrar na problemática questão da sua identidade. Este não é apenas um problema teórico, mas um problema com o qual as comunidades judaicas convivem cotidianamente. Recentemente, na Argentina, causou celeuma na comunidade judaica local a declaração de um rabino, afirmando que aqueles que não praticavam a religião judaica não podiam ser identificados como judeus².

Isaac Deustcher, a partir de uma reflexão pessoal, considera que a identidade judaica é principalmente um legado cultural, que, embora guarde alguma relação com a religiosidade judaica não está delimitada por ela³. Neste trabalho, quando nos referimos aos judeus, pensamos principalmente neste tipo de conceituação, mesmo sabendo que ela é polêmica, e não universalmente aceita pelos próprios judeus. Ao contrário, para alguns judeus conservadores, essa proposta identitária tem como principal objetivo conciliar a militância política de esquerda com o judaísmo.

¹ BAHIA, Joana. *O tiro da bruxa: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Estado do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: 2000. Tese de Doutorado.UFRJ/Museu Nacional.

² Refiro-me as declarações do Presidente da Amia – a maior entidade judaica da Argentina -, Guillermo Berger, indicando que a Amia deveria representar apenas os judeus genuínos, aqueles que praticam a religião judaica. Ver, por exemplo: <http://www.igoooh.com.ar/Nota.aspx?IdNota=25119>. consultado em 23/07/2008.

³ DEUTSCHER, Isaac. *O Judeu Não-Judeu e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.

Fazemos realmente a opção de seguir os marcos delimitadores de identidade reivindicados pela comunidade que estudamos, afinal, esses marcos sempre tem uma dimensão auto-proclamada. Sem, contudo, sublimar os problemas e conflitos que decorrem dessa reivindicação identitária. Ainda é importante lembrar que mesmo se obtivermos um conceito amplamente aceito de “judeu”, ele não encerraria as múltiplas subidentidades que existem no interior da comunidade. Algumas dessas subdivisões são definidas por questões regionais, como aquelas que identificam os sefaradis e os ashkenazis, mas existem também divisões culturais, ligadas aos usos do Hebraico ou ao uso do Idish⁴.

Nossa questão principal é verificar de que forma os imigrantes judeus que chegaram ao Brasil nas décadas de 1920, 1930 e 1940, definiram seus grupos de afinidades, suas redes sociais. Verificamos que para um considerável contingente, acima de marcos de origem nacional ou regional, a questão política era fundamental na definição dos subgrupos de imigrantes judeus que aqui chegaram.

A comunidade judaica internacional teve trajetórias históricas e políticas muito diferenciadas, ainda que nos limitemos apenas ao século XX. Uma dessas grandes fronteiras diz respeito à tradição política. Grande parte da comunidade judaica askhenazi, oriunda do leste europeu, esteve durante o início do século passado fortemente envolvida com lutas políticas de esquerda. O próprio sionismo, nascido na Hungria, tem sua história inicial vinculada a movimentos de esquerda. Uma outra parte da comunidade judaica, principalmente aquela oriunda da Europa central, do norte da África e do Oriente Médio, não compartilha essa experiência política. Tal diferenciação não pode ser completamente englobada se trabalharmos com a clássica separação entre imigrantes políticos e econômicos. Muitos dos militantes de esquerda eram também imigrantes econômicos, já que passavam por dificuldades de sobrevivência nas suas regiões originais que nem sempre estavam ligadas a sua militância na esquerda.

Apesar da origem de esquerda do sionismo, em pouco tempo ele se torna um demarcador político que separa judeus sionistas, a maioria

⁴ O termo Idish origina-se de Jüdisch, que quer dizer judaico em alemão. Além do hebraico, o Idish, também chamado de Taytsh, é a língua primordial que define a identidade dos judeus. O Idish, “dialeto judeu-alemão”, predomina entre os askhenazis da região europeia-ocidental e europeia-oriental, incluindo o “pale” (zona de residência obrigatória para os judeus russos). Os homens eram educados no hebraico – a FINZI, Roberto. Uma anomalia nacional: a questão judaica In: HOBBSAWM, Eric. (org.) *História do Marxismo*. Trad. Carlos Nelson Coutinho et alii. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982 - língua dos livros sagrados - aos quais as mulheres, assim como os menos letrados, não tinham acesso.

conservadores, de judeus socialista, comprometidos, em primeiro lugar, com as lutas universais dos trabalhadores, mas, também com um tipo particular de luta pela libertação dos judeus. Michael Lowy nos chama a atenção para uma “afinidade eletiva” existente entre a idéia de redenção messiânica no judaísmo e a idéia utópica revolucionária contida em formas do anarquismo e do marxismo⁵. Segundo o autor, essa afinidade eletiva encontrou terreno fértil para se manifestar na Europa Central entre 1870 e 1939, o que explica um grande número de intelectuais de esquerda de origem judaica naquele período, naquela região. Estudando vários intelectuais judeus dessa região, com destaque para Walter Benjamin, Lowy aproxima a busca por um novo mundo em que os judeus conseguiriam superar a diáspora, com a busca por um novo mundo sem classes, isto é, a utopia socialista.

Avraham Milgram⁶, estudando especificamente o caso de judeus que chegaram ao Brasil, afirma que muitos deles, especialmente dentro do grupo que falava o dialeto Idish, e viam do leste europeu, trouxeram para o Brasil o projeto de criar uma nação autônoma judaica no interior da nação socialista, isto é, a URSS. De fato houve por parte do governo de Stálin o propósito de criar regiões específicas para os judeus. No bojo das denúncias dos crimes de Stálin, ocorridas a partir de 1956, essas regiões passaram a ser encaradas pela própria comunidade judaica mais como formas de segregação do que como formas de libertação do povo judeu. Nossos dados não permitem corroborar a tese de que muitos judeus que chegaram ao Brasil apoiavam o projeto de Stálin, contudo, pelo menos o grupo que se ligou ao Partido Comunista Brasileiro, certamente foi influenciado por esse projeto que competia com a idéia da criação do Estado de Israel.

Nossa hipótese, portanto, é que o principal marco de identidade entre os judeus que chegaram ao Brasil no período estudado era acima de tudo político. Grosso modo, podemos falar em judeus progressistas e conservadores, ou idishistas e sionistas, como prefere Milgram, como subgrupos fortemente separados pelo menos entre os judeus que se fixaram no Rio de Janeiro e em São Paulo. A questão política, principalmente após a criação do Estado de Israel, se tornou determinante no cotidiano dessa comunidade, incluindo definições sobre qual escola, biblioteca ou clube freqüentar, e principalmente quais livros e revistas ler. Enfim, toda a sociabilidade era perpassada por escolhas políticas.

⁵ LOWY, Michael. *Redenção e Utopia*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

⁶ MILGRAM, Avraham. O “Mileu” Judeu-Comunista do Rio de Janeiro nos anos 30. In: *Judaica Latinoamericana*, Estudos Históricos-sociais. Vol. 4, Amilat y Magnes Press, Jerusalem, 2001.

A importância que reivindicamos para essa questão pode surpreender, já que ela tem sido quase lateral nos estudos sobre judeus no Brasil, os trabalhos sobre a esquerda judaica e seu conflito com o restante da comunidade judaica se resume a alguns poucos artigos e capítulos de livro. Mesmo em coletâneas especificamente dedicadas ao estudo de judeus brasileiros, as referências a essa problemática são muito reduzidas. Por outro lado, nos estudos sobre a história da esquerda brasileira, praticamente não existem referências ao papel específico dos judeus, embora ela tenha sido considerável, provavelmente isto se explica pela abordagem classista da maior parte desses estudos, sem espaço para consideração de questões relativas à identidade e cultura.

Talvez o principal, no entanto, como afirmou uma de nossas entrevistadas, seja o fato de que os judeus de esquerda são um grupo derrotado no interior da comunidade judaica. A tese sionista foi a vencedora, ao ponto do seu questionamento significar uma possível falta de lealdade para com o povo judeus. Os sionistas, e em alguns casos, os religiosos judaicos passaram a determinar uma espécie de história oficial da comunidade, com seus respectivos marcos de identidade, submetendo os judeus de esquerda a um processo consciente de “apagamento” da memória coletiva. O fato de a maioria dos estudos sobre judeus no Brasil ser realizado por membros da própria comunidade, pode ter contribuído para que eles reverberassem a sua situação política atual.

Acreditamos, contudo, que é bastante relevante realizar o estudo desse grupo, em primeiro lugar para combater esse “esquecimento” consciente, mas também porque pensamos que sem destacar os conflitos políticos vividos pelos judeus brasileiros estaremos perdendo importantes aspectos de sua sociabilidade. Até mesmo a controversa questão do anti-semitismo no Brasil só pode ser esclarecida se tivermos em mente o papel da esquerda judaica. Isto porque as ações do governo Vargas, interpretadas por alguns teóricos como sinais de anti-semitismo⁷, parecem ter como foco muito mais o subgrupo de judeus comunistas do que o conjunto da comunidade⁸. Finalmente, este estudo também se revela importante no conjunto de trabalhos sobre a história da esquerda brasileira. Acreditamos que houve um modo judeu de praticar a militância de esquerda no Brasil, ainda que fizesse parte

⁷ Essa tese aparece principalmente nos seguintes textos: CARNEIRO, Maria L. Tucci. *O Anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1988; e JEFFREY, Lesser. *O Brasil e a questão judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

⁸ A tese que defenderemos aqui, também pode ser encontrada em: CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. In.: *Revista Brasileira de História*. Vol.22, no.44, São Paulo, 2002; e em MILGRAM, O “Milen” Judeu-Comunista do Rio de Janeiro nos anos 30, opus cit.

desse modo não destacar a condição de judeu, ao contrário, destacar sua ação como parte da luta pela libertação nacional, ou mais ainda, como parte da luta pela libertação do proletariado mundial.

Os judeus progressistas brasileiros e sua relação com o conjunto da comunidade

Entre 1926 e 1942, mais de 50.000 judeus entraram no Brasil, sendo a maioria da Europa Oriental. Essa soma corresponde a mais de 50% da entrada total de judeus imigrantes no Brasil desde 1872⁹. Este foi, portanto, o auge da imigração judaica. Muitos destes judeus vieram por motivação econômica, mas vários outros em decorrência das ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, da crescente ascensão do anti-semitismo e também pela perseguição que sofriam aqueles que militavam nos partidos comunistas e no Bund¹⁰. A maioria desses imigrantes exercia profissões artesanais ou eram operários em seus países de origem, portanto, não é simples usar as tradicionais categorias de imigrantes políticos e imigrantes econômicos nesse caso.

O perfil do imigrante judeu da Europa Oriental é de indivíduos que, já tendo uma militância no campo da esquerda, chegando ao Brasil, buscavam a aproximação com outros judeus, não necessariamente da mesma região, mas que compartilhassem suas idéias políticas. Como afirma uma de nossas entrevistadas:

Até porque muitas dessas pessoas chegam pra cá nos anos 1920 militavam no Partido Comunista Polonês. Quer dizer, eles chegam aqui e a estrutura do Partido Comunista lá também é recente, quer dizer, na verdade, às vezes eles militavam em organizações anteriores né, sobretudo no BUND. E eles tinham uma atividade muito cultural, quer dizer, essa coisa de criar escolas, clubes, colônias de férias, quer dizer, uma coisa muito presente, inclusive a colônia de férias é a continuação das férias da escola, então você sempre tem aquele espírito do coletivo, da solidariedade, do humanismo, desde criança você é levado a um determinado tipo de, de caminho, né?! E esses imigrantes trazem essa experiência pra cá¹¹.

⁹ DECOL, René Daniel. Judeus no Brasil: explorando os dados censitários. In.: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol.16 no.46 São Paulo, Junho, 2001.

¹⁰ Segundo Finzi, em 1897 temos a fundação do Bund (Confederação Geral dos Operários Judeus de Lituânia, Polônia e Rússia), fato que expressa a notável presença judaica no nascimento do movimento socialista e da organização da classe operária russa. FINZI, Roberto. *Uma anomalia nacional: a questão judaica*. Opus cit.

¹¹ Entrevista realizada em 03/2005, DS.

Uma outra militante, cuja família chegou ao Brasil nos anos quarenta, em um estado diferente da entrevistada anterior nos deu uma declaração no mesmo sentido:

Meu pai era um homem de esquerda, não militante, mas ele era um homem de esquerda, quando chegou aqui em Niterói logo se ligou ao grupo de judeus progressistas, fez teatro, fez tudo aquilo, já fiquei ligada a esse pessoal, já por intermédio de meu pai, meu pai por exemplo quando ele chegou aqui com a cara e a coragem a mulher e dois filhos não tinha uma pessoa que lhe conhecesse e que lhe pudesse dar referência, aí precisou alugar uma casa, aí ele procurou a comunidade judaica progressista e disse eu preciso alugar uma casa. Quanto que é o aluguel da casa? É vinte mil réis, aí vinte que estavam ali presentes cada um assinou como fiador do meu pai, cada um ficou responsável por hum mil réis, risos, dos vinte mil réis e nós tínhamos vinte fiadores na casa, quer dizer as pessoas investiram em papai, no meu pai.¹²

Nas duas declarações podemos perceber que o vínculo político implicava também num certo tipo de sociabilidade. Os judeus progressistas, assim como os conservadores, criaram redes de solidariedade para apoiar os que chegavam do exterior. Mas, é interessante que essas redes sejam diferentes. Isto é, cada segmento político da comunidade criava suas próprias entidades culturais e de lazer, assim como veículos de imprensa. Em alguns casos, até mesmo locais religiosos separados. A identidade política parece sobrepujar outras clivagens, como fica clara nesta declaração: “...em Niterói os judeus se separaram não pela sua condição de *Askenazj* ou *Sefaradi* eles se separaram em judeus sionistas e judeus progressistas. Ficou uma divisão muito nítida ali...”¹³

Se o posicionamento político é um importante marco de definição de identidade no interior da comunidade, precisamos investigar como essa identidade foi construída, como os grupos se definiram e criaram suas redes de sociabilidade. Nossa pesquisa, prioriza os judeus que se auto-intitulavam progressistas ou socialistas, no entanto, a compreensão desse grupo não é possível sem relacioná-lo com o seu oposto no interior da comunidade, isto é, os judeus conservadores.

O judeu que chegasse ao Rio de Janeiro, buscasse manter sua cultura idishista progressista e se relacionar com seus pares, tinha a sua disposição um conjunto de entidades criadas com essa finalidade. Entre elas destacam-se a Biblioteca Israelita Scholem Aleichem (BIBSA), onde ele teria acesso à literatura em Idish em sua grande maioria relacionada à cultura progressista e a Biblioteca David Frishman, que loca-

¹² Entrevista realizada em 04/2006, RF.

¹³ Idem

lizada em Niterói, desempenhava o mesmo papel da anterior. Existiam também entidades assistenciais que podiam servir comida ou mesmo abrigar os recém chegados. Podemos citar, como exemplos, a Árbeter Kich (Cozinha do Trabalhador), o Centro Obreiro Brasileiro Morris Wintschevsky e o Socorro Vermelho Judaico (BRAZCOR). Esta última teve um papel político tão destacado que foi uma das únicas entidades da comunidade judaica fechada pela repressão do governo Vargas. Em São Paulo, as mesmas funções assistenciais eram desempenhadas principalmente pela Casa do Povo. Uma vez estabelecido os filhos dos judeus progressistas do Rio de Janeiro estudavam prioritariamente no Colégio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem, fundado em 1928.

Os judeus sionistas também tinham as suas organizações. A primeira entidade sionista fundada no Brasil, foi a Tiferet Sion (a beleza de Sion) fundada em 1913. Seis anos depois surge a Organização Sionista do Rio de Janeiro¹⁴. Eram organizações essencialmente políticas, que visavam influenciar a opinião pública e o governo brasileiro. Mas, os sionistas também fundaram entidades de tipo assistencial, como a Sociedade das Damas Israelitas, criada em 1923, e que visavam apoiar aos imigrantes e pobres da comunidade. Os filhos dos sionistas estudavam basicamente no Colégio Muguen David, mas tarde nomeado, Colégio Hebreu Brasileiro. Podemos destacar também a fundação em 1926 do clube Azul e Branco.

Além de freqüentar espaços diferentes os imigrantes judeus progressistas e sionistas liam jornais e revistas específicas. Entre os progressistas destacavam-se o jornal “Nossa Voz” (*Unzer Shtime*) e a Revista “Reflexo”, ambos fundados em 1947. Contudo, talvez até pelas características políticas desse grupo, muitas das suas lideranças escreviam em jornais da imprensa progressista brasileira, mesmo antes da fundação de jornais específicos da comunidade, como é o caso de Leôncio Basbaum e Moises Vinhas¹⁵. Na imprensa sionista destacam-se o “Diário Israelita” e a revista “Aonde Vamos”.

Nosso objetivo aqui não é fazer uma lista exaustiva dessas entidades e veículos de imprensa, mas destacar que a própria duplicidade de entidades justificava-se pela separação existente no interior da comunidade de imigrantes judeus.

Curiosamente, pelos menos até os anos 30, esta separação não se conformava de maneira clara no espaço físico. Para os progressistas e

¹⁴ MALAMUD, Samuel. *Do arquivo e da Memória: fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e mundial*. Rio de Janeiro, Bloch, 1983.

¹⁵ RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris (coord.). *O Brasil Republicano. sociedade e política (1930-1964)*. São Paulo, Difel, 1986.

para os sionistas, a região por excelência de ocupação no Rio de Janeiro era a Praça Onze. Lá ficava a sede da Biblioteca Scholem Aleichem, mas também da primeira escola religiosa judaica do Rio de Janeiro, da Biblioteca Hatchya, fundada pelos sionistas, e da primeira sinagoga da cidade. Judeus de ambos os grupos se referem à região da Praça Onze como uma espécie de bairro judaico dentro da cidade. É principalmente a partir da década de 30 que a comunidade se espalha, com grupamentos se deslocando para a zona sul do Rio, mas também para a zona norte, principalmente Méier e Madureira, aonde chegou a ser instalada uma escola judaica, e para cidades adjacentes, principalmente Niterói e Nilópolis.

Progressistas e conservadores: solidariedade e conflito

Desde a chegada, ou na realidade, desde antes da partida, as escolhas políticas já seccionavam a comunidade de imigrantes judeus brasileiros. Entretanto, nos anos 20 e 30, temos alguns dados contraditórios com relação a intensidade do conflito entre os progressistas e conservadores. É um fato instigante que Samuel Malamud, provavelmente o principal líder sionista brasileiro, tenha se tornado secretário da BIBSA em 1927. Em 1925, Albert Einstein visitou o Brasil e a comunidade judaica se mobilizou para recebê-lo; ele era um adepto do sionismo. Apesar de sua adesão ao sionismo, judeus progressistas do Rio de Janeiro disputaram com os conservadores a honra de recebê-lo, mas o Rabino Raffalovich, líder sionista, conseguiu tomar a frente dos preparativos, o que não impediu Einstein de visitar a sede da BIBSA e assinar seu livro de ouro¹⁶.

Com a intensificação do anti-semitismo na Europa e os primeiros conflitos militares que antecederam à Segunda Guerra, a causa sionista ganhou um forte impulso, e mesmo os judeus ligados à esquerda parecem ter diminuído sua oposição à criação do Estado de Israel. Nas entrevistas que realizamos com esses militantes vários deles afirmaram que não eram contrários à criação do Estado de Israel, principalmente diante da tragédia do Holocausto, mas é evidente que esses depoimentos podem estar profundamente influenciados pela posição política e social desses indivíduos na atualidade. Na pesquisa em História Oral, sempre precisamos lembrar que os entrevistados podem atualizar suas memórias de acordo com seus interesses atuais¹⁷.

¹⁶ TOLMASQUIM, Alfredo Tiomno - "Einstein no Rio" In: *ASA* n° 50; janeiro/fevereiro de 1998; pp.3-5

¹⁷ Sobre essa questão, ver, por exemplo: POLLACK, Michael. Memória, silêncio e esquecimento. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, vol.2, n.3,1989, p.3-15.

Mais eloqüentes são as evidências de que algumas entidades ligadas aos progressistas ajudaram a coletar contribuições financeiras para aqueles que estavam imigrando para Israel, campanhas de coleta de fundo foram noticiadas nos boletins das entidades judaicas progressistas, e vários entrevistados as citaram, por exemplo:

De início, as pessoas do partido apoiaram. Eu me lembro de gente do partido organizando festas, para reunir (...) fundos para mandar para Israel, para comprar armas, para dar para o Haganá, que eram os clandestinos no tempo da dominação dos ingleses. Eu me lembro que havia um grande movimento de apoio. Depois, a União Soviética mudou de linha.¹⁸

Contribuía para esse relativo consenso o fato de que a posição oficial da URSS no início dos anos 40 era apoiar a criação do Estado de Israel, o que era reproduzido pelo PCB, partido ao qual muitos dos judeus progressistas estavam ligados. Contudo, tal posição não era consensual, outra entrevistada afirma que seu pai jamais participou dessas campanhas para contribuir com Israel, já que era um anti-sionista radical¹⁹. No entanto, a maior parte dos entrevistados, assim como a análise dos jornais da comunidade judaica nos primeiros anos da década de 40 apontam para a inexistência de uma oposição sistemática à criação do Estado de Israel, mesmo no interior da comunidade judaica progressista.

Um outro aspecto que pode ter contribuído para essa aproximação dos segmentos foi a perseguição que judeus progressistas sofreram no Brasil. Não comungamos da tese da existência de um forte anti-semitismo na era Vargas, ao contrário, concordamos com Roney Cytrynowicz, quando ele afirma que imaginar que os judeus viviam durante a “era Vargas” um cotidiano de perseguições e terror, é simplificador²⁰. Afinal, é justamente nesse período que um grande número de entidades judaicas, são fundadas. As escolas judaicas, mesmo durante a campanha de nacionalização do Estado Novo, parecem ter sofrido uma perseguição muito menor que aquelas sofridas pelas escolas japonesas, alemãs e italianas. Em alguns casos, o governo exigiu apenas que as escolas trocassem de nome.

Nossa própria pesquisa, no entanto, indica que os judeus ligados a grupos e partidos de esquerda sofreram uma vigilância con-

¹⁸ Entrevista realizada em 07/2006, BS.

¹⁹ Entrevista realizada em 05/2004, CG.

²⁰ CYTRYNOWICZ, Roney. Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos 1930 e 1940. In.: GRINBERG, Keyla. *Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

tínua. A documentação do Itamaraty sugere um grande esforço no sentido de identificar entre os judeus que solicitavam a permissão para emigrar, quais seriam ligados ao movimento comunista internacional, principalmente após a rebelião comunista de 1935, na qual judeus estrangeiros tiveram uma participação destacada no seu planejamento²¹. A entrada de judeus do leste europeu se tornou particularmente difícil nesse período, porque eles eram quase automaticamente identificados com o movimento comunista.

Nem todas as entidades judaicas eram vigiadas pelo DOPS, no entanto, as entidades ligadas à comunidade judaica progressista eram controladas de perto, como pode ser verificado através de uma grande quantidade de documentação disponível no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Nesta documentação encontramos relatos acerca de reuniões realizadas em clubes como a ASA e o Cabiras, onde a preocupação principal era sempre identificar membros da comunidade que fossem simpatizantes do comunismo. Uma vez identificados os judeus comunistas podiam ser presos, como Tobias Warszawki, ou até mesmo deportados, como Geny Gleizer, Moishe Lipes, Elise Ewert.

No momento em que os judeus no mundo todo sofriam com o anti-semitismo, mesmo setores conservadores da comunidade judaica parecem ter sido sensibilizados com a situação dos militantes de esquerda. Segundo Abraham Schneider, durante todo o Estado Novo a ASA teve como presidente um judeu conservador, que aceitou o cargo, exatamente para contribuir com seu prestígio junto às autoridades governamentais, no sentido de evitar a perseguição à entidade²².

Nem sempre, contudo, os judeus progressistas puderam contar com a solidariedade dos conservadores. Horácio Lafer, já naquela época um empresário reconhecido e fortemente ligado ao governo, foi procurado por dois judeus de São Paulo que estavam tendo problemas com a polícia política. Quando representantes da polícia procuraram o empresário para que ele confirmasse conhecer esses indivíduos sua resposta foi negativa, acrescentando que não tinha nenhuma ligação com esquerdistas como aqueles²³.

²¹ Ver por exemplo o documento secreto nº 511.1 do Arquivo do Itamaraty, assinado pelo secretário geral do Departamento Nacional de Povoamento, Hildebrando Aciolly, em 5 de Maio de 1938.

²² SCHNEIDER, Abraham Josef - Histórias da Bibsa 4 - In: *Asa - Judaísmo e Progressismo* Ano IX; nº 53; julho/agosto 1998.

²³ WIAZOVSKI, T. *Bolchevismo e Judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do DEOPS*. 1. ed. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001.

Todas as entidades judaicas progressistas comemoraram a criação do Estado de Israel na década de 40, algumas comemoram até hoje. Na ADAF de Niterói, essa data foi continuamente comemorada desde 1948. Nesse ano, registros iconográficos mostram toda a diretoria da entidade, ao fundo fotos de líderes judaicos, mas também de lideranças comunistas, incluindo o próprio Stálin. Contudo, logo após a sua fundação, no bojo do conflito com os árabes, Israel se inclina para uma posição pró-EUA, conseqüentemente se afastando da URSS. Nesse momento, muitas das entidades judaicas progressistas se tornaram mais críticas com relação ao sionismo. Um de nossos entrevistados expressa assim a situação, e suas conseqüências no interior do Partido Comunista Brasileiro:

Durante certo tempo, depois que se constituiu o estado de Israel, no princípio, Stalin ajudou a criação do estado de Israel. (?) forneceu armas. Isso está documentado e etc. Mas depois que o estado de Israel... A direção se inclinou para os EUA, aí o Stalin passou a ser um inimigo do Estado de Israel. Então, houve um período, 1949 até a morte de Stalin, que havia uma recomendação de não enviar militantes judeus para a União Soviética²⁴.

O conflito entre a URSS e Israel repercutiu no interior da comunidade judaica progressista como um marco divisor, era preciso ser explícito com relação a sua lealdade e identidade. Isto é, era necessário escolher entre a fidelidade à Israel ou ao movimento socialista.

A tensão manifestava-se de várias formas. Por exemplo, em outubro de 1947, um judeu de origem sefardi acusou os dirigentes do Clube Cabiras, de o terem agredido quanto do seu pedido de desligamento do Clube. O motivo alegado para o desligamento seria o fato de aquele clube ter se tornando um “antro de comunistas” no qual ele não desejava participar. O caso teve repercussão na imprensa do Rio de Janeiro, e foi noticiado como uma grave acusação contra o Clube²⁵. O pai do denunciante chegou a mandar uma carta para o jornal que publicou a denúncia, acusando o próprio filho e defendendo o clube.

Nas escolas judaicas progressistas também ocorreram casos de conflitos que chegaram a ser noticiados pela imprensa ou até provocaram a intervenção da polícia. Mães judias de estudantes da Escola Scholem Aleichem, ligada ao grupo progressista, acusaram a direção da escola de fomentar um ensino materialista e ecumênico contrários aos preceitos da religião judaica.

²⁴ Entrevista realizada em 09/2006, JG.

²⁵ Centro de Comunistas que Agem na Surdina. Jornal *A Manhã*, 25/10/1947.

É conhecido também o caso da escola I.L. Peretz, em Madureira, fundada por judeus progressistas, e que foi palco de um sério conflito entre estes e os sionistas, que pretendiam tomar a direção da escola. Segundo Schneider, foi realizada uma assembléia em que os sionistas obtiveram a maioria dos votos, mas os progressistas não aceitaram o resultado. A assembléia foi encerrada com um verdadeira briga entre as facções que obrigou a intervenção da polícia²⁶.

De modo mais sistemático, podemos acompanhar os conflitos entre os segmentos políticos da comunidade judaica através dos veículos de imprensa publicados por eles. No grupo progressista destacamos o Jornal “Nossa Voz” e a Revista “Reflexo”. No campo sionista destacamos a Revista “Aonde Vamos”.

O Jornal “Nossa Voz” (*Unzer Shtime*), fundado pelo jornalista Hersch Schechter, era quase todo escrito em Idish, o que por si só já é um marco de identidade progressista. A Revista “Reflexo” era publicada, em São Paulo, mas contava entre seus redatores com destacados judeus progressistas de todo o país. A mesma publicava também matérias de correspondentes estrangeiros ligados ao ICUF. Nas páginas desses dois periódicos podemos encontrar no período que vai de 1947 até 1956, pesadas críticas à política externa de Israel, ao fato do Hebraico ter se tornado língua oficial de Israel, e também críticas contra os sionistas brasileiros, incluindo aqueles que escreviam na revista oponente: “Aonde Vamos”. Os redatores da “Reflexo” afirmavam que o próprio nome da revista indicava um desejo de ir para Israel, e não se envolver com a política brasileira.

A Revista “Aonde Vamos” fundada, em São Paulo, por grupos sionistas, defendia posições contrárias as dos periódicos citados anteriormente, sobre praticamente todos os assuntos. Se a “Reflexo” publicava matérias de correspondentes do ICUF a “Aonde Vamos” reproduzia matérias de periódicos estrangeiros conservadores.

Conclusão

A título de conclusão, podemos afirmar que a criação do Estado de Israel, e principalmente as questões políticas que se sucederam a ela, representaram um marco na história política da comunidade judaica brasileira. Esta, pelo menos nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, tem sua identidade fortemente clivada pela questão do engajamento político e a questão de Israel transformou-se em um momento de afirmação de lealdades.

²⁶ SCHNEIDER, Histórias da Bibsa 4. Opus cit.

Conflitos entre judeus progressistas e conservadores no Brasil ocorreram antes de 1947, contudo, o período dos anos 30 e 40, de forte imigração judaica, parece ter sido marcado mais pela tolerância do que pela intransigência. Organizações progressistas e conservadores participaram conjuntamente de campanhas de arrecadação de recursos para refugiados, e para os clandestinos que estavam imigrando para a região da Palestina. Escolas e clubes progressistas recebiam membros que se identificavam como sionistas ou conservadores.

A partir de 1948, a convivência entre os dois grupos se tornou mais difícil. Era necessário escolher entre manter ou não o apoio ao Estado de Israel. Isto explica o acirramento das divergências, a necessidade de definir os rumos das entidades, escolas e clubes e a forte polêmica que dividiu periódicos publicados pela comunidade.

Nos anos seguintes outras questões dividiram a comunidade judaica brasileira. Como aquelas que decorreram da divulgação do relatório Kruschey, que entre outros crimes de Stálin denunciava a prática do anti-semitismo. Não é nosso objetivo nesse texto acompanhar essas polêmicas, e se as apontamos é apenas para esclarecer que as tensões continuaram, e marcam a comunidade judaica brasileira até hoje. No ano de 2004, uma pesquisadora judia publicou um livro com entrevistas e pequenas biografias de várias mulheres importantes na comunidade judaica do Rio de Janeiro, o livro foi dividido em dois, progressistas e sionistas, tendo até mesmo duas introduções, uma para cada segmento²⁷. Ainda que na atualidade esse conflito tenha perdido força, sempre que a memória comunal está em jogo ele reaparece com grande intensidade.

Bibliografia

- ALMEIDA, Francisco Inácio de (organização). *O último secretário: a luta de Salomão Malina*. Fundação Astrojildo Pereira, FAP, 2002.
- BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa editora, 2000.
- CARNEIRO, Maria L. Tucci. *O Anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CARONE, Edgar. *O PCB*. (Vol 1: 1922- 1943; vol 2 : 1943-1964). São Paulo: Difel, 1982.
- CLEMESHA, Arlene. *Marxismo e judaísmo*. História de uma relação difícil. São Paulo: Boitempo editorial, 1998.

²⁷ DOLINGER, Rachele Zweig. *Mulheres de Valor: uma memória das mulheres que se destacaram na comunidade judaica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. In.: *Revista Brasileira de História*. Vol.22, no.44, São Paulo, 2002.

CYTRYNOWICZ, Roney. Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos 1930 e 1940. In.: GRINBERG, Keyla. *Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DECOL, René Daniel. Judeus no Brasil: explorando os dados censitários. In.: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol.16 no.46 São Paulo, Junho, 2001.

DOLINGER, Rachelle Zweig. *Mulheres de Valor: uma memória das mulheres que se destacaram na comunidade judaica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FINZI, Roberto. Uma anomalia nacional: a questão judaica In: HOBSBAWM, Eric. (org.) *História do Marxismo*. Trad. Carlos Nelson Coutinho et alii. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.

FEBROT, Luiz Izrael “Elegia Saudosa para Unzer Shtime- Nossa Voz” In: *Asa – Judaísmo e Progressismo*. Ano VI; nº 35. maio/junho 1995.

GUINSBURG, Jacob. *Aventuras de uma língua errante*. SP: Ed. Perspectiva, 1996.

GOLDBERG, Luiz Mendel - Nossa Voz - Unzer Shtime (1947-1964); In: *Asa – Judaísmo e Progressismo*. Ano VI; nº 35 maio/junho 1995.

IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. *Intolerância e resistência: a saga dos judeus entre a Polônia, a Palestina e o Brasil: 1930/1945*. São Paulo: Editorial Humanitas, 2004.

JENKINS, Richard. *Rethinking Ethnicity*. Arguments and explorations. Londres: Sage Publications, 1997.

KINOSHITA, Dina Lida. O ICUF como uma rede de intelectuais. In: *Revista Universum. Universidade de Talca*, 2000. n. 15.

KUPERMANN, Ester. ASA - Gênese e trajetória da esquerda judaica não sionista carioca. In: *Revista Espaço Acadêmico*. Nº 28, setembro de 2003.

LÖWY, Michael. *Redenção e Utopia: O judaísmo libertário na Europa Central*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.

MALAMUD, Samuel. *Recordando a Praça Onze*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1988.

MALAMUD, Samuel. *Do arquivo e da Memória: fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e mundial*. Rio de Janeiro: Bloch, 1983.

PERREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922 / 1924)*. Org. e introd. Michel Zaidan. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

POLLACK, Michael. Memória, silêncio e esquecimento In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris. (coord.) *O Brasil Republicano. sociedade e política (1930-1964)*. São Paulo: Difel, 1986.

SCHNEIDER, Abraham Josef - Histórias da Bibsa 4 - In: *Asa - Judaísmo e Progressismo*. Ano IX; nº 53; julho/agosto 1998.

TOLMASQUIM, Alfredo Tiomno. Einstein no Rio. In: *ASA* nº 50; janeiro/fevereiro de 1998.

WIAZOVSKI, T. *Bolchevismo e Judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do DEOPS*. 1. ed. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001.